



PARTICIPAÇÃO DE JOVENS TENISTAS EM COMPETIÇÕES DE 12 A 16 ANOS: A PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE TREINADORES

PARTICIPATION OF YOUNG TENNIS PLAYERS IN COMPETITIONS FROM 12 TO 16 YEARS: THE PERCEPTION OF A GROUP OF COACHES

PARTICIPACIÓN DE JÓVENES TENISTAS EN COMPETICIONES DE 12 A 16 AÑOS: LA PERCEPCIÓN DE UN GRUPO DE ENTRENADORES

Rodrigo Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: rbsilveira21@yahoo.com.br

Rodrigo Vieira Bulso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: rodrigo.bulso@gmail.com

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: carlos.balbinotti@ufrgs.br

RESUMO

O objetivo do estudo foi descrever como transcorre a participação de tenistas dos 12 aos 16 anos nas competições infantojuvenis, segundo a percepção de um grupo de treinadores. O estudo foi do tipo descritivo-exploratório, de cunho qualitativo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 11 treinadores de tênis de quatro estados brasileiros. Os resultados permitiram considerar que existe a necessidade de se propor e implementar modelos de competições de tênis mais adequados aos jovens. Concluiu-se, conforme a visão dos entrevistados, que muitos atletas acabam competindo sem motivação, ocasionando muitas desistências, decorrentes de uma má transição dos estágios do Tennis 10's para o modelo tradicional. Por outro lado, percebeu-se o surgimento de ideias advindas da diversificação de competições adequadas e atrativas para diversos grupos de tenistas nessa faixa etária.

Palavras-chave: Tênis; Competição Infantojuvenil; Esporte; Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

The aim of the study was to describe how tennis players from 12 to 16 years old participate in youth competitions, according to the perception of a group of coaches. The study was of the descriptive-exploratory type, of qualitative nature. Semi-structured interviews were conducted with 11 tennis coaches from four Brazilian states. The results allowed us to consider that there is a need to propose and implement tennis competitions models that are more suitable for young tennis players. It was concluded, according to the interviewees' view, that many athletes end up competing without motivation, causing many dropouts, resulting from a bad transition from the Tennis 10's stages to the traditional model. On the other hand, it was noticed the emergence of ideas arising from the diversification of suitable and attractive competitions for different groups of tennis players in the age group.

Keywords: Tennis; Youth Competition; Sport; Qualitative Research.

RESUMEN



El objetivo del estudio fue describir cómo se realiza la participación de tenistas de 12 a 16 años en las competiciones, según la percepción de un grupo de entrenadores. El estudio fue de tipo descriptivo-exploratorio, de carácter cualitativo. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con 11 entrenadores de tenis de cuatro estados brasileños. Los resultados permitieron considerar que existe la necesidad de proponer e implementar modelos de competiciones de tenis más adecuados para los jóvenes. Se concluyó, según la visión de los entrevistados, que muchos tenistas terminan compitiendo sin motivación, provocando muchos abandonos, resultado de una mala transición de las etapas de Tennis 10's al modelo tradicional. Por otro lado, se notó el surgimiento de ideas derivadas de la diversificación de competiciones adecuadas y atractivas para diferentes grupos de tenistas de este grupo de edad.

Palabras clave: Tenis; Competencia Juvenil; Deporte; Investigación Cualitativa.

INTRODUÇÃO

O estudo tem como tema central a participação de tenistas nas competições infantojuvenis de tênis. A competição é tida como um dos elementos centrais do esporte (REVERDITO et al., 2008), que dá sentido à todo o processo de preparação esportiva (MARQUES, 2004). No período da infância e adolescência, a competição esportiva possui, por essência, um papel pedagógico importante para o desenvolvimento dos jovens em suas diferentes dimensões - cognitivo-motora, socioeducativa, socioafetiva (MARQUES, 2004; DE ROSE JÚNIOR; KORSAKAS, 2006; LEONARDO; SCAGLIA, 2018). A competição infantojuvenil, portanto, deve ter objetivos distintos em relação à competição adulta, fundamentando-se em princípios pedagógicos que visem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem (BERGERON et al., 2015; LEONARDO; SCAGLIA, 2018).

Progressos consideráveis têm sido realizados com relação à forma de introduzir as crianças e os jovens na competição esportiva, representados pelo crescente número de modelos competitivos adaptados implementados nos últimos anos, em diferentes modalidades (LIMPENS et al., 2018; BUSZARD et al., 2020). Tendências na área da Pedagogia do Esporte apontam que, para que a competição possa contribuir efetivamente com o processo de desenvolvimento dos jovens, são necessárias diferentes adequações - levando-se em consideração as necessidades e interesses desse público (BERGERON et al., 2015; LEONARDO; SCAGLIA, 2018). Burton, Gillham e Hammermeister (2011) defendem quatro tipos de modificações nas competições

para crianças e jovens: a) modificação da estrutura; b) modificação das regras; c) modificação do ambiente; d) modificação dos equipamentos. Contudo, ainda não estão estabelecidas as recomendações específicas (para cada modalidade ou contexto) e os caminhos para a continuidade na competição esportiva (GONÇALVES et al., 2016).

Especificamente, os sistemas de competições no tênis inspiram os pesquisadores a realizar estudos sob diferentes vieses (GIMENEZ-EGIDO et al., 2020), contemplando as características de jogo em diferentes categorias (SCHMIDHOFER; LESER; EBERT, 2014), o desenvolvimento dos aspectos técnico-táticos (LIMPENS et al., 2018) e socioeducativos (GONÇALVES et al., 2016). Milistetd e colaboradores (2014) apontam que a utilização de modelos de alto rendimento no esporte infantojuvenil pode causar impactos negativos aos participantes. Os autores afirmam que a reprodução de competições moldadas no esporte adulto, com o objetivo incansável de vitórias, poderia ocasionar o comprometimento das valências físicas, mentais e sociais de crianças e jovens. Todos esses temas são explorados na literatura com o objetivo de encontrar melhores caminhos para o esporte (GONÇALVES et al., 2016; LONGO et al., 2017).

Atualmente, a Confederação Brasileira de Tênis (CBT, 2020) e a Federação Gaúcha de Tênis (FGT, 2020) organizam, em quase todas as semanas do ano, competições regionais e nacionais para todas as idades e níveis de tenistas infantojuvenis. No entanto, os estudos acerca das competições de tênis no Brasil contemplam, em grande parte, apenas as categorias menores (até 10 anos), deixando uma lacuna de conhecimento



no que se refere à participação de tenistas nas categorias 12, 14 e 16 anos. Dessa forma, a fim de contribuir para a melhoria das competições e, conseqüentemente, para um melhor processo de desenvolvimento dos atletas por meio da competição de tênis, emerge a necessidade de investigar quais as percepções e recomendações de atores fundamentais para esta prática: os treinadores. A partir desse contexto, este estudo tem como objetivo descrever como transcorre a participação de tenistas nas competições dos 12 aos 16 anos, na percepção de um grupo de treinadores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória, de natureza qualitativa. Desta forma, o estudo se propôs a descrever os dados obtidos, a partir de entrevistas semiestruturadas. Flick (2009) afirma que o processo de realizar entrevistas é um dos principais métodos de pesquisa qualitativa. Ainda, de acordo com Negrine (2010), interpretar as informações adquiridas e realizar uma discussão, relacionando-as com a teoria, reforça a compreensão das ações absorvidas.

Participaram da pesquisa 11 treinadores de tênis de atletas de 12 a 16 anos - 10 treinadores e uma treinadora, todos brasileiros, com idades entre 21 e 60 anos, e tempo de experiência como treinador entre 03 e 37 anos. Destes, 8 treinadores possuíam graduação em Educação Física, sendo que 5 licenciados e 3 bacharéis e, 3 não possuíam formação em Educação Física. A escolha dos participantes foi determinada por conveniência e disponibilidade, durante as competições nacionais dos Campeonatos Brasileiros Interclubes e do Torneio Brazil Juniors Cup (CBT, 2020), com o cuidado de evitar grupos de classes especiais.

Para obtenção dos dados, foram utilizados dois instrumentos: 1) um questionário de identificação das variáveis de controle, contendo informações referentes ao sexo, idade, tempo de experiência, local de atuação profissional, formação, e nível das competições que atua como treinador; 2) entrevistas semiestruturadas.

O roteiro de entrevistas foi composto por 12 questões previamente estabelecidas. As questões foram formuladas a partir de três categorias teórico-metodológicas propostas por Marques (2004): a) Os modelos de competições infantojuvenis (quatro questões); b) O contexto da relação entre vitórias e derrotas (quatro questões); c) A frequência e o número de competições (quatro questões). Cabe ressaltar que o número de entrevistados não foi definido à priori. Assim, o trabalho de entrevistas deu-se por encerrado apenas quando foi identificada a saturação teórica dos conteúdos.

Após um contato inicial, no qual foram apresentados o tema e os objetivos do trabalho, foi marcado um encontro com os treinadores que aceitaram participar do estudo. Os treinadores foram esclarecidos com relação aos procedimentos do estudo e demonstraram a aceitação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Declaração de Participante. As entrevistas foram realizadas durante as competições ou nos clubes e academias de atuação dos treinadores, entre setembro de 2019 e fevereiro de 2020 - em locais reservados, distantes do público geral, a fim de deixar os treinadores mais à vontade para responder às questões. O tempo de duração das entrevistas variou de 50 a 70 minutos. Todos os encontros foram gravados com um gravador digital, a fim de que nenhuma informação importante fosse perdida.

Após, foram realizadas as transcrições das entrevistas e o seu envio, via e-mail, para os entrevistados, a fim de receber as suas considerações e, posteriormente, a aprovação dos textos transcritos. Foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo em sigilo as identidades e utilizando somente as informações que os entrevistados autorizaram. Cabe destacar que os procedimentos adotados no presente estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o número de protocolo 271.526.

Por fim, a análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir do método proposto por Bardin (2011). Segundo a autora, este método é dividido em três momentos: a pré-



análise, através da elaboração dos questionamentos, oriundas das categorias norteadoras do estudo; a pesquisa; os resultados adquiridos com a compreensão dos fatos, de acordo com a declaração dos sujeitos entrevistados.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados das 11 entrevistas com os treinadores foi realizada por categorias oriundas das compreensões dos relatos dos treinadores. Os resultados serão apresentados de acordo com três categorias de análise identificadas: a) a preparação dos tenistas infantojuvenis em relação à competição tradicional do esporte; b) a perda da motivação e o abandono precoce no tênis; e c) os formatos de competição mais atraentes nos modelos tradicionais do esporte “tênis”.

A) A preparação dos tenistas infantojuvenis em relação à competição tradicional do esporte

Neste aspecto, os entrevistados retrataram um ponto considerado por eles como problemático: a visão sobre a preparação dos tenistas das categorias a partir dos 12 anos nas competições infantojuvenis. Os treinadores relataram que a preparação dos jogadores e o andamento das competições ocorre de forma diferente, de acordo com a categoria em questão. O treinador 3 aborda a diversificação de trabalho com cada atleta, conforme a mudança de categoria:

Entendo que cada um se trabalha com uma pegada diferente. Tu não vai trabalhar a mesma coisa com o menino de 12 que tu vais trabalhar com o menino de 16. Isso serve para nós, treinadores, também reavaliarmos, conseguindo colocar em prática diferentes métodos, diferentes exercícios, para facilitar a vida do menino quando ele vai competir. (TREINADOR 3)

Também foi enfatizado pelos entrevistados que, muitas vezes, ao buscar resultados competitivos a curto prazo, os treinadores acabam por estimular o desenvolvimento de padrões de jogos defensivos de fundo de quadra. Esse discurso mostra-se em consonância com os resultados verificados por Klering e colaboradores (2016), em estudo sobre a competição de tenistas de 11 a 14 anos. Segundo os treinadores, alguns jovens utilizam estratégias específicas, executando forehands e backhands em alturas muito elevadas em relação à rede, provocando o deslocamento de seus adversários para o fundo, cerca de mais de três metros da linha de base da quadra:

[...] mas o menino que tem 12, 13 anos ficar dando balão na quadra pra ficar ganhando partida, eu não consigo ver como uma forma técnica de se ganhar jogo, porque isso tem validade. A validade chega no segundo ano de 14, então é melhor você fazer um jogador de 12, pensando lá dos 10, pensando em bater na bola, já fazer as coisas que são necessárias, e nos 12 anos a mesma coisa, trabalhar o primeiro ano, jogando os 12 anos, e o segundo ano de 12 já começar a trabalhar a parte de transição pros 14 [...] (TREINADOR 9).

Ademais, o Treinador 7 enfatiza o momento em que a fase de preparação técnica do tenista chega ao ponto de equilibrar com o processo competitivo:

Então a gente sabe [que] é ali, quando fecha a janela, ali, acabou-se. Ele vai evoluir um pouco, mas é até ali que deve ser feito o estudo de todo esse processo, de aprendizado técnico. Então, eu acho que, [com] o equilíbrio entre o aprendizado técnico junto da competição, tu podes fazer um treino (TREINADOR 7)

Os relatos apresentados pelos treinadores evidenciam a preocupação de todos os entrevistados em relação aos tenistas estarem mais bem preparados para as competições nos modelos tradicionais do esporte. Eles abordam problemas que são frequentemente vistos nas competições entre os 12 e 14 anos, principalmente na categoria 12 anos. Essas questões abordadas nas falas dos entrevistados



apontam para uma forma diversa de preparação dos tenistas nessas categorias. Cortela e colaboradores (2019) e Gonçalves e colaboradores (2016) apontam para o cuidado que os treinadores devem ter ao aprimorar os detalhes fundamentais de um trabalho eficiente. Nessa nova fase, os critérios a serem trabalhados devem ser mais aprofundados. Conforme o relato dos Entrevistados I e G, Balbinotti e colaboradores (2005) reforçam a importância de se trabalhar com os tenistas para competir de uma forma consistente desde cedo. Os autores enfatizam que não adianta somente treinar tiros, mas que é fundamental treinar de uma forma progressiva, a fim de proporcionar a maturidade técnica e tática do jogador. Para Alvariño, Artur e Crespo (2016), depois dos 11 anos de idade, o treinamento fica mais intenso, o trabalho é de longo prazo, e a metodologia a ser utilizada deve respeitar os diferentes estágios do jogador. Ademais, no período de treinamento, todas as habilidades possíveis devem ser trabalhadas, como, por exemplo, as capacidades psicológicas e físicas, para se competir com autoconfiança contra qualquer tipo de jogador. Ainda, o fato de as crianças terem participado do processo de desenvolvimento das habilidades nos estágios do Tennis'10 faz muita diferença. Segundo a ITF (2019), deve-se considerar as aspirações e necessidades das crianças para após decidir se a criança progredirá para o próximo nível.

Os relatos dos entrevistados são corroborados por autores especializados (BALBINOTTI et al., 2005; ALVARIÑO; ARTUR; CRESPO, 2016; GONÇALVES et al., 2016; CORTELA et al., 2019), que indicam que o processo de lapidação dos tenistas infantojuvenis deve ser ponderado, respeitando sua individualidade. Com relação à forma que os jovens praticam, através das análises de todos os treinadores entrevistados, observa-se a tendência a, nos treinamentos, os tenistas serem colocados em situações reais de jogo, a fim de que possam ter outros tipos de atitude, começando, assim, a estruturar novos estilos de jogo.

Com relação à categoria dos 16 anos, houve unanimidade entre os entrevistados, pois todos entendem que o modelo tradicional deve permanecer:

[...] [o jovem] pode começar a competir regularmente (TREINADOR 5).

Corroborando esse discurso, o Treinador 6 acredita que, nesse estágio, o modelo adotado pelas entidades esportivas atende o público-alvo:

Aí, dos 14 para cima, eu manteria do jeito que tá. [...] o ideal, o sistema tradicional, que é perdeu tá fora (TREINADOR 6).

Sobre o aspecto eliminatório, o Treinador 7 enfatiza a necessidade de a competição para os níveis mais altos ser no modelo tradicional do esporte, a fim de prepará-los para as disputas a nível profissional. O entrevistado afirma sobre o modelo de competição:

Então eu acho que essas duas categorias, elas poderiam ter o 11, quem tem capacidade, mesmo que seja primeiro ano, pode jogar no 12 e depois no 13 de novo e no 14. E aí, depois, eu acho que todo mundo é igual e tem que ir embora, e o que passou, passou, perdeu, perdeu, era pra perder mesmo (TREINADOR 7).

B) A perda da motivação e o abandono precoce no tênis

Outro desconforto dos treinadores entrevistados origina-se do fato de que diversos jovens perdem o gosto e a vontade de seguir lutando para superar as dificuldades nessas novas categorias competitivas. Os relatos de alguns treinadores representam a preocupação dos 11 entrevistados em relação à evasão cada vez mais precoce nesse esporte. Antes, eram os tenistas das categorias 18 e 16 anos que desistiam; hoje, a saída está nas categorias mais iniciais, no âmbito infantojuvenil:

Hoje em dia, você vê alguns meninos com 12 anos que nunca “passaram uma manteiga no pão, fizeram um Toddy, café com leite, um Toddy bem feito”. Então isso acaba refletindo na quadra, essa falta de proatividade deles, essa dependência deles (TREINADOR 1).

Nesses trechos, é comentada, pelo treinador B, uma situação bem preocupante no esporte, o fato de que os tenistas infantojuvenis estão abandonando em categorias mais iniciais:

A gente vai afastando cada vez mais esses meninos [para que] fiquem [com]



um pouco mais de... vamos falar, vamos ser francos, um pouco de dificuldade no esporte. Antigamente, você via os meninos desistindo com 16 anos, hoje, estão desistindo com 12, 14, já não querem mais, por causa disso (TREINADOR 2).

Corroborando com o relato anterior, o Treinador 7 também ressalta a saída precoce no tênis infantojuvenil, manifestando, assim, a sua inquietação relacionada a esse tema:

Eu acho que essa categoria de 12 anos é uma categoria [em] que a gente perde muito jogador, e depois 14 de novo, que são as duas categorias, de 12 e de 14 (TREINADOR 7).

De acordo com as considerações dos entrevistados, Marques (2004) e Weinberg e Gould (2017) consideram que as crianças que continuam a competir porque são incentivadas internamente por diversos motivos, com a vivência das vitórias, desenvolvem novas aptidões. Corroborando com essa afirmação, Young (2016) afirma que falta mais prazer nas competições. A autora destaca que, se os treinadores conseguissem trabalhar com os seus jovens e se preocupassem menos com o resultado e a forma de jogar, eles poderiam se surpreender com o desempenho dos atletas.

Conforme exposto, averiguou-se entre os entrevistados que o processo de mobilização e motivação dos jovens jogadores começa nas competições das categorias de base (Tennis'10). Verificou-se também, o anseio desses treinadores em despertar, nessas etapas, o gosto e o aumento da paixão pelo tênis. Dessa forma, os tenistas infantojuvenis podem superar adversidades nessas categorias e no modelo tradicional do esporte.

C) Formatos de competições mais atraentes nos modelos tradicionais do tênis

Os treinadores entrevistados têm a mesma visão sobre as federações e a confederação em relação às competições infantojuvenis. Eles acreditam que as instituições devem estruturar melhor as competições para os jovens tenistas, considerando os seus interesses. Segundo seus

relatos, os tenistas infantojuvenis não querem mais passar pela incômoda situação de esperar muitas horas para jogar, sem terem atividades paralelas para realizarem durante o intervalo de jogos. Ademais, apresentou-se sugestões de competições com maior quantidade de partidas para cada jogador. Com isso, todos foram unânimes em um pensamento: novos formatos de disputas mais atraentes. Emergiram de seus relatos os seguintes destaques:

Você pega um menino de 12 anos, que entra em um torneio, ele classifica para um torneio G1, aí ele pega um cabeça de chave. Quando que esse menino vai voltar de novo para jogar um torneio? Vai tomar 12, sabe? Então, eu acho que, em alguns pontos, a gente poderia, não sei, por que não montar uma categoria A e B? Por que não? Então eu acho que a gente precisaria rever isso aí, igual eu disse anteriormente: algumas ações estão sendo feitas. Tem alguns torneios de consolação, que o pessoal começou a fazer (TREINADOR 2).

Nesta narrativa, o Treinador 4 aponta diversas sugestões, a fim de mobilizar mais os participantes em termos de continuar disputando os torneios infantojuvenis:

Formatos por naipes e por categorias acho que seriam formatos adequados e bons. Por exemplo, equipes de 12 anos masculino jogariam num formato de equipes, dentro do seu naipe, dentro de sua categoria, e assim por diante (TREINADOR 4).

Corroborando com a descrição anterior, identifica-se uma maneira de agregar diferentes faixas etárias em uma mesma competição:

Então eu acho que essas duas categorias, elas poderiam ter o 11, quem tem capacidade, mesmo que seja primeiro ano, pode jogar no 12 e depois no 13 de novo e no 14 (TREINADOR 7).

Neste caso, constata-se uma inquietação do Treinador 8, que afirma que os modelos atuais podem ofertar aos tenistas um período maior de participação nas competições:

É, tem que dar uma mudada nisso aí. [...] Eu acho que poderia adequar mais o sistema de competição no tênis, para que o tenista jogue mais, fique mais na quadra [...] (TREINADOR 8).



O Treinador 10 ressalta, em seu discurso, a importância de disponibilizar para os pais dos competidores espaços de entretenimento e descanso. Assim, ele acredita que as crianças poderão ficar mais tempo nos locais de jogos e, conseqüentemente, seus pais e acompanhantes também ficarão menos entediados:

Acho que, em algum momento, a gente podia ter umas atividades paralelas, pros pais, né, que a gente não tem os pais grudados na tela, que tenha um cantinho, é, aqui é o lounge dos pais (TREINADOR 10).

Nesta última contribuição, neste tópico, registra-se a manifestação do Treinador 11 com relação à importância de se trabalhar mais em equipe nas competições:

Acredito que esse aspecto da dupla é fundamental. Esse jogo de duplas não ser eliminatório [...] mas eu acredito que, quanto mais pudesse fazer, trabalhar em equipe, de pontuação por equipe, eu

acho que seria uma forma bem interessante (TREINADOR 11).

Para Marques (2004) é extremamente importante possibilitar o crescimento de eventos competitivos, com modelos apropriados para cada grupo e faixa etária de crianças e jovens. Isso pode motivar os treinadores a colocar uma quantidade mais expressiva de participantes nas competições, já que sua obsessão por vitórias pode influenciar os seus atletas a participarem de poucas competições. Também pode viabilizar, aos esportistas, a participação no máximo de disputas possíveis, resultando, assim, na possibilidade de proporcionar um maior número de vitórias e, conseqüentemente, a continuidade na competição esportiva.

Emergiram, das considerações dos entrevistados, sugestões para competições com formatos de disputas mais atrativas, como, por exemplo, um circuito de formação, que já ocorre no Rio Grande do Sul. O formato do circuito é exposto no quadro a seguir:

Quadro 1 – O modelo realizado no Circuito de Tênis Gaúcho

Idades	Categorias	Formatos
12 / 14/ 16 Anos	12/14/16 Anos 12/14/16 Anos - 1 12/14/16 Anos - 2 (Bola amarela)	1ª fase de grupos, enfrentando-se entre si (grupos de 3 ou 4 tenistas, por exemplo), seguida por fases eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais, finais)

Fonte: Adaptado da Federação Gaúcha de Tênis (2020)

Para o Treinador 3, a criação de competições com alterações em relação ao modelo adulto, como o Circuito de Tênis Gaúcho (CTG), pode ser um divisor de águas para o esporte. Ele identifica nesse tipo de competição um alento em relação às competições não serem no formato de eliminação sumária (eliminatória simples):

Eu acho que, aqui no Sul, a gente tem o formato de CTG, que eu acho muito legal, muito bacana, que os meninos jogam, apesar de ter a questão eliminatória um pouco mais adiante no torneio. Eles têm a oportunidade de pelo menos jogar dois jogos, e acho que daria para fazer [isso] em outras competições. Pelo menos naqueles torneios, com aqueles meninos que a gente vê que ainda não se desenvolveram, ainda não escolheram o seu caminho (TREINADOR 3).

Fortalecendo a fala anterior, o Treinador 4 evidencia que esse circuito propicia aos jovens a possibilidade de permanecer por um período maior na competição:

A nível regional, o pessoal daqui do Rio Grande do Sul, que eu vejo, têm torneios com nove etapas, já, de 8 a 16 anos, no naipe masculino e feminino, que, ao longo do ano, são todos no caráter classificatório, a criança joga no mínimo 3 partidas. Então começa o torneio na sexta, a criança tá viva, no domingo ainda tem o grande montante do público, [ela] tá envolvida com o torneio, do início até o último dia (TREINADOR 4).

Com relação a essas manifestações, desde o ano de 2007, ocorre no Rio Grande do Sul o CTG, uma forma de competição que pode abranger os diferentes níveis técnicos. Conforme os relatos dos entrevistados C e D, esse modelo



pode ser inserido nas competições nacionais de tênis infantojuvenil. Conforme a Federação Gaúcha de Tênis (2020), nos últimos anos, foram criadas as categorias 1 e 2 (por exemplo, categoria 12 anos A, B e C), com a finalidade de dispor as crianças no seu nível técnico correspondente. Com isso, as disputas dos jogos são mais equilibradas, propiciando aos participantes a possibilidade real de obter vitórias, mesmo quando estão iniciando na modalidade. Corroborando essas afirmações, Longo e colaboradores (2017) afirmam que inserir as crianças e jovens na prática esportiva de uma forma planejada e adequada pode acarretar diversas vantagens para todos, inclusive na continuidade da prática esportiva.

Com esse modelo de competição, verificou-se nos discursos dos treinadores entrevistados, uma maior resiliência dos jovens em relação às derrotas e, conseqüentemente, uma redução nas saídas precoces do tênis de formação no estado. Por fim, esse circuito tem como finalidade fazer com que somente tenistas em formação participem. Quem se situa muito bem no ranking nacional ou estadual deve participar em uma categoria acima ou não participar deste circuito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão deste trabalho, pode-se perceber que, na perspectiva dos entrevistados, muitos atletas acabam competindo, sem motivação, o que ocasiona muitas desistências. Segundo os relatos, há uma má transição dos estágios do Tennis 10's para o modelo tradicional. Como justificativas, os entrevistados expuseram a falta de uma continuidade no trabalho motivacional dos tenistas e a ênfase de muitos treinadores no desenvolvimento de aspectos que apresentam resultados em curto prazo (ex.: estímulo a um estilo de jogo defensivo, ou apenas ao desenvolvimento da

potência dos golpes), não associando com o “saber jogar”. Ao mesmo tempo, no entanto, surgiram propostas de diversificação de competições, mais adequadas e atrativas para diversos grupos de tenistas nessa faixa etária.

O único aspecto defendido de forma unânime foi sobre a categoria da faixa etária dos 16 anos não sofrer alterações. De acordo com os profissionais entrevistados, nada deve ser alterado, mantendo o modelo tradicional do tênis competitivo com torneio eliminatório. Com relação a esse tópico, sente-se a falta de maiores estudos sobre o modelo de competições para essa faixa etária.

Por fim, de acordo com o que foi exposto nas entrevistas, deve-se estudar com mais profundidade a formatação dos torneios a partir dessas categorias, a fim de que as desistências no esporte diminuam. Clubes, academias e federações devem trabalhar em conjunto, para que esse problema comece a ser solucionado. Mesmo as competições de nível tradicional (alto rendimento) podem se moldar em algumas etapas, uma vez que a eliminação sumária não é a única via para o atleta infantojuvenil. Com isso, a possibilidade de situações como o burnout e o dropout podem diminuir no esporte. Como possíveis caminhos para uma continuidade no esporte, os treinadores entrevistados sugeriram que novos modelos de competições mais adequados aos tenistas infantojuvenis, como o Circuito de Tênis Gaúcho, devem ter cada vez mais espaço no cenário competitivo do tênis.

Espera-se que este estudo possa contribuir com o debate acerca da temática das competições infantojuvenis, em especial, as de tênis. As conclusões do estudo, contudo, são preliminares, devido ao tamanho da amostra de entrevistas. Assim, verifica-se a necessidade de que novas pesquisas sejam realizadas, com o intuito de analisar, propor e discutir modelos de competição mais adequados no referido esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARIÑO, Pancho; ALTUR, José F.; CRESPO, Miguel. Tennis player development: from junior to professional transition stage. *ITF coaching and sport science review*, n. 68, p. 24-26, 2016.



BALBINOTTI, Marcos Alecar Abaide e colaboradores. Estudo descritivo do inventário do treino técnico desportivo do tenista: resultados parciais segundo o ranking. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 5, p. 49-58, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BERGERON, Michael F. e colaboradores. International Olympic Comitês consensus statement on youth athletic development. **British journal of sports medicine**, v. 49, n. 13, p.843- 851, 17 jun. 2015.

BURTON, Damon; GILLHAM, Andrew D.; HAMMERMEISTER, Jon. Competitive engineering: structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. **International journal of sports science & coaching**, v. 6, n. 2, p. 201-217, 2011.

BUSZARD, Tim e colaboradores. Implementation of a modified sport programme to increase participation: key stakeholder perspectives. **Journal of sports sciences**, v. 38, n. 8, p. 945-952, 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Calendário brasileiro infanto-juvenil 2020**. 2020. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5e5e9cdf48ba5_03-03-2020_15-07-27.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

CORTELA, Caio Corrêa e colaboradores. The transition to the yellow ball in tennis coaching. **ITF coaching and sports science review**, n. 79, p. 22-24, 2019.

DE ROSE JÚNIOR, Dante; KORSAKAS, Paula. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Eds.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-261.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS (FGT). **Regulamento técnico 2020**. 2020. Disponível em: <https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo_1578054942.pdf>. Acesso em: 26 fev., 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GIMENEZ-EGIDO, José María e colaboradores. Effect of modification rules in competition on technical–tactical action in young tennis players (Under-10). **Frontiers In Psychology**, v. 10, 2020.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter e colaboradores. Contribuições da competição de tênis na educação e formação das crianças. **Journal of physical education**, v. 27, n. 1, p. 3-14. 2016.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Programa oficial da Federação Internacional de Tênis tennis 10s**: Manual. 2019. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/resources/resources.aspx>>. Acesso em: 22 nov., 2019.

KLERING, Roberto Tierling e colaboradores. As técnicas avançadas na formação multilateral de tenistas: um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas de 11 a 14 anos. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 4, n. 24, p. 100-109, 2016.



LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. A avaliação de competições esportivas de jovens: definição de categorias e aplicações ao handebol. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 875-888, 2018.

LIMPENS, Vera e colaboradores. Scaling constraints in junior tennis: the influence of net height on skilled players' match-play performance. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 89, n. 1, p. 1-10, 2018.

LONGO, Renan Acerbi e colaboradores. A permanência de crianças e jovens nos esportes: olhares para iniciação e especialização esportiva. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2017.

MARQUES, António. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2004.

MILISTETD, Michel e colaboradores. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 36, n. 3, p. 671-678, jul., 2014.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coletas na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

REVERDITO, Riller Silva e colaboradores. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1; p. 37-45, 2008.

SCHMIDHOFER, Stefan; LESER, Roland; EBERT, Michael. A comparison between the structure in elite tennis and kids tennis on scaled courts (Tennis 10s). **International journal of performance analysis in sport**, v. 14, n. 3, p. 829-840, 2014.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2017.

YOUNG, Janet. Enjoyment: fresh clues for coaches. **ITF coaching and sport science review**, n. 68, p. 21-23, 2016.

Dados do autor:

Email: rbsilveira21@yahoo.com.br

Endereço: Avenida Lageado, 140, apto. 203, Bairro Petrópolis, Porto Alegre, RS, CEP 90460-110, Brasil.

Recebido em: 03/09/2020

Aprovado em: 18/11/2020

Como citar este artigo:

SILVEIRA, Rodrigo Silveira; BULSO, Rodrigo Vieira; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. Participação de jovens tenistas em competições de 12 a 16 anos: a percepção de um grupo de treinadores. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 3, p. 26-35, set./ dez., 2020.